

Desenvolvimento local no Centro da Juventude de Santo Amaro¹

Manuela Rau de Almeida CALLOU²
Universidade Federal de Alagoas, Maceió, AL

Resumo

Entender como acontece o desenvolvimento local nas comunidades acarreta em um estudo aprofundado sobre os conceitos e práxis cotidianas. Nesse sentido, estudamos o Centro da Juventude de Santo Amaro a partir de seu importante trabalho na área educacional através dos arcos profissionalizantes, iniciado desde ____ até os dias de hoje. Adotamos como análise a dimensão do capital social como componente do desenvolvimento local, já que configura como um eixo fundamental para a existência da confiança, normas internas e redes nas comunidades. O resultado da pesquisa proporcionou uma visão de como as organizações sociais podem intervir e contribuir ao desenvolvimento local.

Palavras-chave: desenvolvimento local; capital social; Centro da Juventude de Santo Amaro.

1. Introdução

Este trabalho tem o objetivo de estudar os conceitos de desenvolvimento local, baseados nos principais autores do tema. No que se refere à amplitude teórica, existem muitas definições e práticas dos conceitos que serão discutidos no desenvolvimento deste artigo. Para entender o fator de desenvolvimento local, usamos os conceitos de capital social que parece compor as características de desenvolvimento local em uma comunidade. Além disso, consideramos fundamental analisar como acontece o desenvolvimento local em uma experiência prática. Assim, fazemos referência da práxis teórica para explicar, com um exemplo prático, o fenômeno estudado.

Desde uma perspectiva de trabalho de campo, escolhemos uma experiência desenvolvida na área governamental, Centro da Juventude de Santo Amaro, devido às importantes contribuições que vem desenvolvendo na comunidade de Santo Amaro, uma das mais perigosas da cidade do Recife. O trabalho tem sido destacado como uma das ações mais importantes do governo, por ter conseguido reduzir a criminalidade no

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Desenvolvimento Regional e Local, do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professora do Curso de Relações Públicas, da Universidade Federal de Alagoas.

local. O Centro da Juventude de Santo Amaro realiza um trabalho de mudança de comportamento e melhoria da qualidade de vida de jovens que se encontram em estado de vulnerabilidade social, através de atividades de educação e profissionalizantes, como o ensino de computador, da construção civil, estética e beleza, etc.

Devido às características do objeto de estudo, o enfoque da pesquisa é analítico e descritivo. Torrico (1997) argumenta que o objetivo da pesquisa descritiva é chegar a uma representação de objeto mais apropriado, tanto no seu todo e em partes, por meio do registro e apresentação sistemática de dados.

Em relação ao método, a pesquisa é qualitativa, realizada através de entrevistas em profundidade, observação participante e conversas informais com alunos e membros da comunidade, no que diz respeito ao conhecimento dos fatos e processos na sua totalidade. Portanto, é da natureza flexível e intuitiva, e os aspectos subjetivos são valorizados. A pesquisa também é documental, porque recorremos à informações discutidas na literatura acadêmica. Consideramos que, dessa forma, conseguimos alcançar os objetivos propostos.

2. Discussões e conceitos de desenvolvimento local

Com a globalização da economia, novas reflexões vão surgindo com relação ao desenvolvimento, já que esse novo período demonstra mudanças nas relações sociais e tecnológicas. Os estudiosos do desenvolvimento e da comunicação, principalmente os latinoamericanos, começam a discutir, a partir da década dos 90, sobre as ações locais como uma das maneiras do desenvolvimento, num período marcado pela informação e o conhecimento como eixos principais da sociedade da informação.

Nesse sentido, Bezerra (2007) indica que o desenvolvimento local, como um modelo que emerge a partir dos anos 90, ao entrar nas pautas de discussões em instituições do governo e organizações da sociedade civil, proporcionou, no Brasil, um processo de articulação entre várias instituições e de mobilização social pouco percebida na história do país. Demonstra que o desenvolvimento local não se resume a um projeto, mas sim a processos realizados em vários locais, podendo ter financiamento de empresas privadas, poder público, organizações não governamentais e organismos multilaterais. Gallicchio (2006) também possui essa mesma visão:

Se trata de un dilema para todos los actores, desde los partidos políticos hasta los actores sociales, el sector privado, las agencias multilaterales, que se plantean diversas soluciones en las cuales el desarrollo local, la descentralización y la participación son un común denominador. El desarrollo local como factor de democracia y desarrollo sustentable no surge por casualidad, sino como el resultado del estado de situación y como una ruta diferente y alternativa de desarrollo nacional y regional (GALLICCHIO, 2006, p. 60).

Este novo cenário está marcado por uma busca de uma melhoria das condições de vida das populações, tentando identificar como um desenvolvimento promovido pelas organizações de base ou pelo Governo pode minimizar os problemas comunitários. Consideramos que na medida que as pessoas sejam capazes de gerar o seu próprio desenvolvimento, enquanto sujeitos de ação que articulam processos sociais, podem contribuir para a melhoria da qualidade de vida da comunidade como um todo, nos aspectos de convivência, confiança, laços sociais, entre outros.

Nesse contexto, o historiador brasileiro Sergio Buarque (2002) conceitua o desenvolvimento local como sendo um processo endógeno de mudança, proporcionando tanto a melhoria da qualidade de vida da população em comunidades ou agrupamentos humanos como um dinamismo econômico. Para realizar o desenvolvimento, a sociedade necessita se organizar e se mobilizar, consolidando as suas capacidades e potencialidades próprias, para a criação de uma base cultural y sócio econômica da localidade.

Nesse sentido, Martins (2002 apud Bezerra, 2007) afirma que a importância do desenvolvimento local não se manifesta apenas nos aspectos de bem estar e sinergias, mas principalmente que a comunidade se transforme em agente de desenvolvimento, deixando de lado a postura de objeto beneficiário do desenvolvimento local. Ou seja, a participação e a articulação que se da entre a sociedade civil e o Estado sugerem condições que promovam o desenvolvimento local.

Esta articulação entre atores público-privado é, na visão do diretor da Unidad de Fortalecimiento de los Gobiernos Locales de la Universidad Nacional de Quilmes, Daniel Cravacuore (2006), fator determinante para impulsar o processo de desenvolvimento local. Está de acordo que as redes densas, criadas através de diferentes organizações, como os sindicatos, as empresas, os centros de educação e o governo

local, possam formar um potencial de recursos que gerem o desenvolvimento local.

As experiências de desenvolvimento local podem acontecer em territórios³ e assentamentos humanos pequenos, como uma comunidade, até um município ou micro região e ecossistema. Essas ações têm o objetivo de promover mudanças no território, mas não se limitam somente ao enfoque econômico como também buscam estimular a economia (BUARQUE, 2002).

Consideramos que a colocação do Buarque (2002) significa criar oportunidades para melhorar a situação de pobreza na região como também de estimular ações de inclusão social, a partir das atividades desenvolvidas nas sociedades. Jovens que aprenderam a arte de ser cabeleireiros e agora têm o seu próprio salão; alunos que utilizam o computador e Internet e, a partir daí encontram emprego se constituem em exemplos significativos, pois estas atitudes repercutem em suas vidas na medida que põem em prática os novos conhecimentos e recebem remuneração econômica de acordo com a atividade desenvolvida.

Franco (2000) também tem esta visão, embora considere que “o acesso à cidadania e aos recursos da vida civilizada moderna” são os principais indicadores do desenvolvimento local. Para ele, uma cidade desenvolvida é o espaço onde se pode viver bem e isso não tem que ser necessariamente em uma cidade grande. Portanto, o “desenvolvimento só é desenvolvimento se o mesmo for desenvolvimento humano - melhorar a qualidade de vida, social - de todas as pessoas e desenvolvimento sustentável, das pessoas que se encontram vivas hoje e das que vão vir” (FRANCO, 2000, p. 36).

Entretanto, em nossa concepção, o desenvolvimento local alcança uma perspectiva mais social, posto que está associado à comunicação e valores, além de ter também o objetivo de melhorar as condições econômicas e de vida da população a partir da ampliação dos conhecimentos e laços sociais que são construídos.

Para este trabalho, consideramos os argumentos e a explicação de Franco (2000) e Putnam (2002) como as que estão mais relacionadas com nosso objeto de estudo, segundo os quais expõem que para que exista o desenvolvimento local, faz-se necessária a existência uma combinação de quatro pilares básicos:

1) O capital social, que significa a capacidade de cada comunidade em se organizar e

³ Território ou região é o espaço organizado onde existem relacionamentos sociais, econômicos e interpessoal.

cooperar entre ela mesma; se determinada comunidade possui indicadores baixos de capital social, isto significa que o desenvolvimento social é baixo;

2) O capital empresarial, definido como a reestruturação e modernização do setor público local para descentralizar as decisões, elevar a gestão do organismo público e proporcionar uma ampliação das atividades econômicas com vantagens locais;

3) O capital humano, que significa a capacidade de criação, envolvendo a educação, a saúde, a alimentação, a cultura, entre outros; baixos índices de capital humano indicam sob desenvolvimento humano, e, finalmente,

4) O capital natural, definido como ações a ser realizadas na comunidade que não prejudiquem à natureza.

Para este artigo, consideramos o capital social como o eixo principal para o desenvolvimento local. O capital social foi observado pela análise das três dimensões fundamentais de estímulo, conforme sugere Putnam (1990):

1 A existência de um certo grau de confiança entre os membros da organização, especificamente entre alunos e professores, entre alunos e diretores.;

2 regras internas relativas à aceitação ou a dificuldade que os jovens têm para implementar as atividades, mas tendo em conta a preocupação de que eles sigam as obrigações estabelecidas pela entidade;

3. redes e laços sociais estabelecidas entre os membros da comunidade, no sentido de que eles podem ser conectados através de uma comunicação participativa, ampliando os laços de amizade e de trabalho existente.

Dessa maneira, o desenvolvimento local procura, através de suas dimensões, articular os processos para que se possa alcançar uma melhoria da qualidade de vida, no que concerne ao estabelecimento de um capital social que seja coerente com a realidade de vida das comunidades.

3.Comunidade de Santo Amaro e Centro da Juventude: caminhos para o desenvolvimento local

A comunidade de Santo Amaro está localizada na parte central de Recife, perto de uma das principais avenidas da cidade, que interconecta as cidades de Recife e Olinda. A maior parte das casas da comunidade são de tijolos e as ruas, em sua maioria, estão saneadas e calçadas, o que demonstra, em nosso ponto de vista, uma preocupação

da Prefeitura em melhorar as condições de urbanização da área.

A área ocupada hoje pela comunidade anteriormente era um mangue onde as pessoas pouco a pouco foram colocando terra e invadindo o espaço, construindo suas casas de tijolo. Com o tempo, a população foi crescendo e os problemas agravando-se, já que a falta de saneamento básico proporcionava o surgimento de muitas enfermidades. Não havia ruas, a não ser becos pequenos que dificultavam o acesso de ônibus, carros e ambulâncias, impedindo às pessoas de deslocar-se em casos de necessidade.

Devido a estas dificuldades, chegou um momento em que os líderes sentiram a necessidade de lutar e encontrar caminhos que resolvessem estes problemas. O governo do Estado de Pernambuco, no período de 1982, tinha a intenção de tirar as pessoas deste espaço e transferi-las para um lugar mais longínquo, mas a comunidade se articulou com o governo para ficar:

“Nós acreditávamos que a população local já era dono da terra, porque foi quem aterrou, foi quem construiu os casebres³, então tínhamos o impulso de defender a comunidade. Então criamos um projeto, que foi estabelecido pelas associações, fizemos 306 reuniões porta a porta com a gente, e na hora fizemos um plebiscito para criar o nome do projeto” (Senhor Luís, presidente da Associação dos Moradores de Santo Amaro).

A partir deste projeto, as melhorias foram acontecendo à comunidade que, ao articular com o governo do Estado, foram pouco a pouco resolvendo os problemas mais urgentes. Um deles foi a mudança dos casebres pelas casas, que já tinha acontecido em outros momentos mas foi partir do ano 2000 em diante que esta situação melhorou. Posteriormente à construção das casas, a comunidade procurou outro tipo de melhora, que foi a luta pelo saneamento básico. Outro problema era com relação à polícia: anteriormente, a polícia chegava na comunidade com atitudes violentas e inclusive utilizando de sua força física. Era comum a existência de denúncias de parte da comunidade. É neste sentido que o líder comunitário Cherlles explica a mudança de atitudes da polícia:

“Devido à situação de violência, os policiais foram dando-se conta de que tinham que fazer um trabalho com os líderes comunitários e foi aí onde os resultados desta interação foram acontecendo. Hoje existe a Polícia Amiga⁴, que é um trabalho realizado dentro do programa

⁴ O “Polícia Amiga” é um programa desenvolvido pela Secretaria da Defesa Social (SDS), com a Polícia Militar de Pernambuco, com o objetivo de melhorar a relação entre a polícia e a comunidade, através de uma mudança de

Território da Paz⁵, do ex-presidente Lula, que atua com este objetivo; hoje os policiais não entram aqui como entravam em uns três ou quatro anos atrás” (CHERLLES, conselheiro tutelar).

Isso demonstra que já existe uma comunicação mais integrada entre os agentes comunitários e a polícia que, ao conhecer melhor os problemas da comunidade, seu trabalho é mais concreto e menos perigoso tanto para eles mesmos como para a comunidade. Um fato a observar é que os líderes comunitários não denunciam as pessoas que fazem o tráfico de drogas, mas sim dão dados à polícia sobre determinadas áreas onde o consumo e os problemas são maiores. Os líderes entrevistados afirmaram a existência de uma boa relação entre os traficantes de droga e a comunidade; o que importa para eles é o compromisso dos vendedores de droga no pagamento do que devem.

As atividades desenvolvidas pelos membros comunitários demonstram que politicamente a comunidade passou a exercer sua cidadania, posto que busca seus direitos e deveres, atuando em pró da coletividade. Os logros alcançados aconteceram devido à mobilização popular, que luta por condições de habitação e de vida melhores. Por outra parte, a articulação não se deu somente com o governo, como também com pessoas da comunidade e as associações, também com o objetivo de defender determinada causa social.

Assim, surgiu o Centro da Juventude de Santo Amaro, a partir de um programa do Governo do Estado, chamado “Estação Futuro” (Estação Futuro), o qual desenvolvia ações de amparo dos jovens em condições de risco de vida. Entretanto, este programa não atuava em tempo integral com os jovens, e os organizadores foram percebendo a necessidade de ter um período de trabalho maior e sistemático, além da criação de uma proposta de qualificação profissional para a intervenção dos jovens no mercado de trabalho.

Portanto, foi estabelecido um perfil dos jovens que tinham um indícios de vulnerabilidade social: os desagregados da família, os que se encontram no mundo das

conduta de parte dos policiais. Para maiores informações, consultar o *site*: www.pactopelavida.pe.gov.br/policia-amiga-muda-conduta-de-policiais.

⁵ O “Território da Paz” faz parte do Programa Nacional da Segurança Pública e Cidadania (Pronasci), do Ministério da Justiça, com a finalidade de realizar ações de prevenção de conflitos sociais e de propor medidas para retirar os jovens da rua, além de motivar sua participação em projetos sociais. Para maiores informações consultar www.vicegovernador.ba.gov.br/noticias/julho-de-2009/programa-territorio-da-paz-chega-para-ajudar-nao-combate-a-violencia.

drogas, os que estão em liberdade de cárcere assistido, jovens que necessitam de um apoio maior por parte do Estado em termos de políticas e de trabalhos realizados.

Posteriormente, o nome do programa mudou para “Vida Nova” (Vida Nova), a partir do ano de 2007, embora tenha uma metodologia semelhante e atenda à idade dos jovens dos 16 aos 29 anos de idade. Em nosso ponto de vista, este nome está mais adequado, visto que é mais concreto e mais direto com relação à mudança de vida que tenta proporcionar à vida dos jovens.

Como características do programa, o “Vida Nova” realiza ações sócio assistenciais e educativas, através dos Centros da Juventude, com o objetivo de fomentar as relações comunitárias e familiares, como também promover a qualificação profissional e a inserção dos jovens no mundo trabalhista (Programa Vida Nova, 2009).

A Secretaria de Desenvolvimento Social e de Direitos humanos (SDSDH) do Governo do Estado de Pernambuco foi o departamento responsável pela criação do “Vida Nova” que, junto com a entidade executora Instituto de Apoio Técnico Especializado da Cidadania (IATEC), levam a cabo as propostas e a execução do programa.

Para participar do programa, estabeleceu-se que os jovens beneficiados têm que atender a certos requisitos, como ter a idade entre 16 e 29 anos, pois é neste período que o jovem está terminando a juventude e começando a vida adulta, o que significa também que as possibilidades de uma qualificação profissional e do estabelecimento no mercado de trabalho são mais oportunas. As outras condições são que o jovem esteja matriculado na escola e que, principalmente, esteja em situação de vulnerabilidade social.

A estratégia adotada pelo “Vida Nova” para que sejam escolhidos os futuros alunos do Centro da Juventude é realizada através de ações desenvolvidas pelo grupo operacional, composto por psicóloga, assistente social e pedagogo, que tem a finalidade de procurar jovens que se encontram nas condições exigidas para sua participação no programa. Posteriormente são analisadas as necessidades da presença do jovem no “Vida Nova”. Uma outra estratégia realizada são as inscrições dos jovens no próprio centro, onde posteriormente são chamados para o curso de seu interesse.

No início do programa existe um período de três meses de adaptação, conhecido como a inserção do jovem, onde ele vai se inserindo pouco a pouco no programa e

aprendendo as normas do centro. Depois desses três meses, o aluno é inserido nos cursos, aqui chamado de “arcos” de qualificação profissional, de acordo com sua escolaridade e eleição: arco de construção civil, onde aprende o trabalho de pedreiro, pintor, carpinteiro, eletricista; arco de informática, onde aprendem a utilizar as ferramentas da informática, a fazer a manutenção de ordenadores e também a trabalhar com o desenho Web; arco de artesanato, onde aprendem a fazer bordados, tricor, crochê e arco de estética e beleza, onde aprendem a fazer depilação, unhas, pedicure, cabeleireiro e barbearia.

Geralmente, os alunos participam dessas atividades durante o período de um ano, mas nem sempre todos se encontram preparados para deixar o centro depois desta etapa, devido aos problemas de vida que cada um leva. Muitas vezes o tempo de um ano nos arcos não é suficiente para melhorar sua aprendizagem e mudar sua condição de vida; por isso, o grupo operativo observa semanalmente os arcos de trabalho para analisar como os alunos vão evoluindo no decorrer do curso. Os alunos recebem uma bolsa pela Secretaria de Defesa Social no valor de 100 reais mensais, como uma estratégia de motivação para que participem e ao mesmo tempo possam ter algum recurso financeiro. Por outro lado, se os alunos faltarem às classes, é descontado o valor de dois reais por cada dia de falta. Os estudantes também recebem cartões de transporte para facilitar seu deslocamento para o Centro da Juventude.

4. As dimensões do capital social como categorias do desenvolvimento local

4.1 A confiança

O grau de confiança existente na organização demonstra como os participantes se sentem com relação aos outros alunos e revela também o tipo de relação mantido com os coordenadores da entidade. A confiança parece estar relacionada à comunicação estabelecida entre eles:

“Você está ali, no dia a dia com a pessoa, está sempre falando, aí se intera do que está passando...Acredito que assim alcança um vínculo de amizade e de confiança. Eu cheguei a contar coisas particulares de minha vida a amigos do centro e professores e eles me ajudaram”
(aluna de manutenção de micro).

Além dessa relação com a comunicação observada por nós, Franco (2001, p. 104) explica que “quanto mais alto o nível de confiança em uma comunidade, maior é a

probabilidade de existir a cooperação”. Também podemos dizer que a existência da cooperação e da ajuda entre as pessoas pode gerar mais confiança.

Nesse contexto, alguns alunos mencionaram que sentiram a confiança dos coordenadores e professores do programa através do esforço de cada um deles no curso que realizam no Centro. Inclusive um deles afirmou a mudança de sua imagem:

“Antes havia muitas pessoas aqui - professores, coordenadores - que não confiavam em nós, pensavam que nós somos uns marginais. Mas depois eles foram percebendo que este menino não, este menino se formou em algum curso. Então eles dão apoio e força pra nós. Eles conversam conosco, sempre confiando” (aluno de introdução social).

No Centro da Juventude de Santo Amaro parece existir estímulos dos participantes do Programa para que seja estimulada a confiança entre os que compõem a organização. É neste aspecto que identificamos que os entrevistados afirmaram ter confiança nos professores e nos coordenadores do programa, porque sempre estão abertos para escutá-los e ajudá-los; também constatamos a confiança estabelecida entre os alunos, visto que se ajudam entre eles, inclusive resolvendo problemas particulares.

Entretanto, dois dos entrevistados mencionaram a dificuldade de deixar à vista objetos de valor, como telefones celulares, devido à facilidade da existência de roubos: “Eu mesmo já tive três telefones roubados, isto é muito mau, algum dos colegas de classe fizeram isso. Agora não tiro telefone dentro de minha bolsa de maneira nenhuma” (aluno de introdução social).

Os dados obtidos revelam a existência de um grau de confiança baixo entre os alunos, devido aos materiais que muitas vezes desaparecem, mas por outro lado também se nota a confiança que eles vão adquirindo com relação a compartilhar ideias e ajudá-los a solucionar os problemas, não só no que concerne à relação entre aluno-aluno mas também aluno-professor ou coordenador.

4.2 As normas internas

O Centro da Juventude de Santo Amaro possui normas que ficaram conhecidas como normas de convivência. No entanto, um fato curioso é que as normas do Programa Vida Nova são construídas no início do programa pelos alunos, que criam suas próprias regras, juntamente com os coordenadores. Através do diálogo, chegaram a um consenso de 25 regras a ser respeitadas pelos membros do centro, que se converteu

em documento e em um mural:

Respeitar a todos do Centro da Juventude; ser solidário com os colegas e funcionários do centro; não usar gorro nas classes; não utilizar telefone celular nas classes, ser pontual e participar das atividades do CJ; manter a higiene pessoal e a do centro; não falar palavrões; não interromper as classes, dar avisos, mensagens, etc.; saber ouvir e esperar sua vez de falar; respeitar o próximo; ir ao lavabo só com extrema necessidade; ser educado; ter colaboração nas atividades; ter responsabilidade; usar sempre o uniforme completo; não ter conversas paralelas; deixar sempre a classe limpa e arrumada; não sair da classe sem permissão; ter companheirismo; não comer em classe; levantar a mão quando quiser falar; prestar atenção às classes; ter ética; ter sigilo e não fumar (Normas de convivência, pôster colocado no centro).

Fazê-los cumprir todas estas normas é um desafio para todos que fazem parte do centro. Os próprios monitores afirmaram que no início no Centro, tiveram muitas dificuldades mas o tempo fez com que refletissem e percebessem a mudança que tinham que realizar: “Eu quando era aluno não cumpria nenhuma das palavras das normas de convivência. Depois isso foi mudando, porque eu vi que eram para o nosso bem” (monitor geral).

“Quando eu cheguei no centro e era aluna, obedecer para mim era uma coisa aborrecida. Eu não queria ter obrigação com nada, mas com o tempo nós fomos aprendendo que existem direitos e deveres. Hoje eu vejo que aborrecido fomos nós que tirávamos a paciência deles, fazendo confusões, vejo que eles queriam o bem para nós” (monitora de artesanato).

Essas declarações demonstram que os monitores, embora tenham uma posição de destaque visto que foram alunos e promovidos a monitores, também tiveram seus maus momentos no cumprimento das normas do Centro da Juventude de Santo Amaro, mas souberam superar as dificuldades e mudar a forma de comportamento. Se isso não tivesse acontecido, não alcançariam a posição de trabalho que têm atualmente no centro.

Isso nos faz acordar que as normas, chamadas por Coleman (2001) de regras sociais, são as responsáveis pelo controle de ações desenvolvidas em organizações, onde o cumprimento pode acarretar em conseqüências, tanto positivas quanto negativas. As positivas são as que enumeramos como aquelas que se socializam, através da educação; para as negativas, terá que ser aplicada uma punição a cada uma delas (PUTMAN, 1993).

Percebemos as declarações dos monitores citadas como positivas, já que depois

dos ensinamentos e da própria vontade de mudar, os alunos foram aprendendo a respeitar as regras do centro e inclusive às considerar importantes.

Uma das alunas explicou que uma das principais dificuldades em seguir as normas é devido ao fato de que eles não têm o costume de ter regras em sua casa e em sua vida em geral, então, para entender o sentido e o motivo das obedecer demora um pouco:

“Em minha casa eu faço tudo o que eu quero e na rua também. Nós saímos da rua para o centro então para se acostumar no início é difícil. Não é fácil, não vou mentir não, eu não gosto de ter que obedecer às monitoras e professores, mas aprendi. Aprendi que se não obedecer, há castigo. Na maioria dos sítios há normas e nós temos que obedecê-las” (aluna de estética e beleza).

O ex diretor do Programa acrescenta a situação de que cada pessoa possui um tempo para a aprendizagem que se deve respeitar. Então para o cumprimento das normas terá que ter um pouco de tolerância, posto que os alunos não estavam acostumados a ter este tipo de obrigações em sua vida, como já ficou claro.

Alguns dos entrevistados afirmaram a dificuldade que eles têm em cumprir com a regra do horário, principalmente porque fica muito curto o deslocamento da escola, localizada no centro da cidade, que termina às 12h20 da manhã para estar no Centro da Juventude às 13 horas.

4.3 As redes e laços sociais

As redes e os laços sociais também são dimensões importantes que contribuem à formação do capital social, na medida que os conhecimentos são gerados e as pessoas vão tecendo uma rede de conhecimentos e ampliando a informação. Nessa perspectiva, percebemos que o Centro da Juventude de Santo Amaro corrobora com esta dimensão, conforme o exemplifica Rosemberg:

“Nos grupos operativos, onde existe o trabalho da psicóloga, da assistente social e da pedagoga, nós motivamos esta questão. A articulação existente com os representantes de classe, da mesma maneira que nós realizamos os grupos de trabalho, nós também fazemos grupos para passar informações e experiências a outros. Por exemplo, ao ser trabalhado o tema da sexualidade com a classe de introdução social, as ideias e sugestões desse são passadas para os outros grupos” (Rosemberg, ex diretor do Programa Vida Nova).

Os conhecimentos, ao ser apreendidos pelos alunos do Centro, não ficam somente na vida deles, já que os entrevistados falaram de que as informações importantes são sortidas, discutidas e dialogadas com os amigos e familiares, e assim vai se construindo a rede. Segundo André de Param (2000 apud Fuser, 2003), as redes abrangem todo o campo do saber além de ser condição necessária à produção do conhecimento, tal como notamos:

“O Centro da Juventude me ensinou muitas coisas, e o que eu aprendi aqui faço questão de ensinar a outras pessoas porque sei que tudo é para nosso bem, como pessoa e futura memore, como profissional (aluno de construção civil).

“Aqui é um programa em que aprende, qualifica-te e pode ser um multiplicador, como foi meu caso. Então para mim é um leque de oportunidade, para quem sabe aproveitar. E não só eu que aproveitei como outras pessoas. Eu me considero um jovem multiplicador de informações aos irmãos, sobrinhos” (auxiliar administrativo).

“Nós vamos escutando o que eles nos dizem, vamos confiando e passando para nossos amigos, que acontecem suas famílias, que acontecem os amigos. Meu irmão mesmo está construindo sua casa devido às informações que eu lhe passei” (aluno do curso de construção civil).

Um dos entrevistados expõe brevemente seu entendimento sobre conhecimento e inclusive lhe conecta com a capacidade de comunicação das pessoas, finalizando com a importância das redes:

“Conhecimento é força de informação; é ela que nos faz comunicar o respeito, a forma de expressão, o saber lidar com as pessoas. Se eu não tivesse esse conhecimento, não estaria trabalhando aqui. Eu incentivo, motivo e passo isto à comunidade” (monitor geral).

De acordo com as entrevistas realizadas, observamos que os jovens se preocupam com a criação de redes sobre os assuntos que aprendem no centro, e já observam também a prática destes conhecimentos em atividades desenvolvidas pelos amigos ou familiares. Entretanto, não conheciam o significado da palavra “rede”; alguns deles perguntaram se era rede de computação ou informação.

Com os dados obtidos, observamos que os alunos estão seguindo pelo caminho correto para a construção do capital social.

Considerações Finais

Diante do exposto, o desenvolvimento local tem sentido a partir das negociações realizadas entre as organizações públicas e os membros da comunidade, com o objetivo de incrementar o desenvolvimento. É o resultado do consenso entre ambas as partes e favorece a prática do desenvolvimento auto sustentável, além da melhoria da qualidade de vida das populações.

Para analisar como se desenvolve o capital social, partimos da análise da categoria “confiança” como sendo um dos aspectos que contribuem para a sua formação. No Centro da Juventude percebemos que existe essa confiança por parte dos estudantes e seus colegas, no sentido de compartilhar as experiências e problemas. No entanto, constatamos entre os entrevistados a preocupação de não deixar objetos pessoais de qualquer valor, como celulares, carteiras e bolsas, porque já houve casos de desaparecimento. Assim parece não existir confiança em situações como essas.

Com relação às normas internas, embora a construção das regras sejam em conjunto, percebemos dificuldades na prática das normas do centro, uma vez que a maioria dos estudantes vive em situações de vida que não têm regras estabelecidas. No entanto, com o trabalho realizado pela entidade, os alunos estão aprendendo que eles têm o direito de participar das ações no centro, mas também têm obrigações a cumprir. Uma delas é a de aceitar as regras como importantes não só para o desenvolvimento das atividades, mas também passam a entendê-las em um contexto social mais amplo, na prática cotidiana, onde existem regras que devem ser seguidas para o bem comum da sociedade.

As redes e laços sociais também foram analisados e entendidos como uma dimensão de capital social que os alunos atribuem importância, uma vez que os entrevistados mostraram que o novo conhecimento aprendido no centro são fundamentais para a sua família e os laços de amizade. Eles explicaram que esta informação ajuda não só no campo pessoal como também no profissional.

Constatamos que o capital social, que se caracteriza pela capacidade de cooperação e organização dos membros comunitários nas categorias acima explicadas, forma parte das ações de desenvolvimento local, resultando em um processo auto sustentável e de reprodução das potencialidades alcançadas. Dessa forma, os atores do

desenvolvimento se articulam politicamente, em busca da resolução dos problemas e do bem estar coletivo.

Referências

BEZERRA, Austriclínio. **Comunicação e desenvolvimento local**: as estratégias de mobilização do programa de combate à pobreza rural - Buíque - Pernambuco. Universidade Federal Rural de Pernambuco. Tese de Mestrado, Recife, 2007.

BUARQUE, Sérgio. Desenvolvimento local e globalização. En: _____. **Construindo o desenvolvimento local sustentável**: metodologia de planejamento. Rio de Janeiro: Garamond, 2002.

CRAVACUORE, Daniel. La articulación de actores para el desarrollo local. In: ROFMAN, Adriana y VILLAR, Alejandro (comp.). **Desarrollo local**: una revisión crítica del debate. Buenos Aires: Espacio Editorial, p. 183-198, 2006.

FRANCO, Augusto de. **Porque precisamos de desenvolvimento local integrado e sustentável**. Brasília: Instituto de Política, 2000.

GALLICHIO, Enrique. El desarrollo local: cómo combinar gobernabilidad, desarrollo económico y capital social en el territorio. In: ROFMAN, Adriana y VILLAR, Alejandro (comp.). **Desarrollo local**: una revisión crítica del debate. Buenos Aires: Espacio Editorial, p. 59-74, 2006.

PUTNAM, Robert. The prosperous community: social capital and public life. **The American Prospect**, n. 13, primavera 1990. Disponível em: < <http://epn.org/prospect/13/13putn.html>>. Acesso em: 20 julho.

TORRICO, Erick. **La tesis en comunicación**: elementos para elaborarla. La Paz: Artes Gráficas Latinas, 1997.